

Extratos de *Crónica Açores uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores*

2. AÇORES

2.1. DE DESCOBERTA EM DESCOBERTA. O BATISMO INSULAR.

...

Uma vez mais, perde-se sempre que busca algo sobre a História. Ela fascina-o, enleva-o e transporta-a a outras eras. Quem sabe se não será um saudosista desses tempos de antanho a viver ancorado no futuro, o que o leva a não pertencer nem aqui nem agora, nem dantes nem nunca, alhures. A insularidade e o isolamento, fatores de preservação da língua e cultura portuguesas no mundo, (tema permanente dos colóquios da Lusofonia) retratam o seu percurso. O pouco que aprendera nos bancos de escola era exíguo e já olvidado ou nunca amestrado. Raramente ouvira falar deste arquipélago. No Continente, na Metrópole, apenas mencionavam o anticiclone e os terremotos frequentes. Agora, graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, já havia quem soubesse da existência destas nove ilhas. É como se fizessem parte dum mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudara quanto à visibilidade real destas ínsulas para a pessoa comum. Para além de saber que havia um sotaque difícil de entender, JC pouco aprendera antes de chegar a S. Miguel.

Quando escrevia, nalgumas ocasiões em que até o chilrear dos pássaros lhe penetrava os ouvidos (cada vez mais) moucos (para não ouvir o que de mau no mundo ocorria em cada momento), sentia-se como se sentiram os inominados descobridores de antanho quando aqui arribaram. Espantarrécidos, estapasmados ou assombrados como diria, talvez, o Mia Couto, autor que lera avidamente na década de 1990. Deixara subitamente de o despertar quando parou de desinventar a língua que estrenuamente descompunha. Os achadores destas terras no meio do nada que é o Mar Oceano, devem ter pensado nas metáforas do cristianismo, nas descrições do Éden terrestre, e devem ter-se benzido inúmeras vezes com a beleza que se lhes deparou. Mal sabiam, porém, que como em todos os paraísos também aqui haveria uma maçã envenenada nascendo das entranhas das terras.

Nunca se saberão ao certo os seus nomes pois as teorias são inúmeras, e dividem-se em três: primeiro as que sustentam que a revelação geográfica do arquipélago se terá verificado no segundo quartel do século XIV, no reinado de D. Afonso IV (H. Major, Ferreira de Serpa); segundo, as que afirmam que o descobrimento será da primeira metade do século XV por Frei Gonçalo Velho (cardeal Saraiva, Aires de Sá); e terceiro, as que conciliam as duas correntes de opinião (Jordão de Freitas, Velho Arruda).

As primeiras teses fundamentam-se na existência de mapas genoveses a partir de 1351, onde aparecem esboçadas ilhas que muitos investigadores identificam com os Açores, quer pela sua situação, quer pelos nomes. A existência desses mapas teria derivado das expedições às Canárias, no tempo de D. Afonso IV, por marinheiros genoveses ao serviço de Portugal. As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra do infante D. Henrique e, especificamente por Frei Gonçalo Velho, baseiam-se essencialmente na tradição oral recolhida pelo cronista micalense Gaspar Frutuoso no arquipélago, na segunda metade do século XVI. Contudo, escritores como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citaram o nome de Gonçalo Velho. Frutuoso, e os historiadores desta linha, opinam que o início das explorações atlânticas para os Açores datava de 1431.

As teses ecléticas consideram, porém, que o descobrimento se terá verificado, realmente, no tempo de D. Afonso IV e que as viagens por ordem do infante D. Henrique teriam sido de simples reconhecimento. O mapa de *Beccario*, de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como "insule de nuovo reperte".

O Prof. Damião Peres defende que "foram achadas por Diogo de Sunis (ou de Silves), piloto de el-rei de Portugal no ano de 1427". Por esse motivo é atribuído a Gonçalo Velho, depois primeiro capitão donatário das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, o papel, de não menor importância, de lançador de gados e de colonizador. A primeira referência da descoberta do arquipélago açoriano vem em Azurara (Crónica do descobrimento da Guiné):

„,„ E na era de mil...(?) anos mandou o Infante D. Henrique a um cavaleiro que se chamava Gonçalo Velho, Comendador que era da Ordem de Xpô (Cristo) que fosse povoar, outras duas ilhas que estão afastadas daquelas (Madeira e Porto Santo) a cento e setenta léguas a noroeste".

Outro escritor coevo do Infante, o alcaide do Paço de Sintra, Diogo Gomes, conta-nos o seguinte:

“O Infante D. Henrique desejando descobrir lugares no Oceano Ocidental, com o intuito de averiguar se existiam ilhas ou terra firme pra além das descritas por Ptolomeu, mandou caravelas a procurar essas terras. Seguiram viagem e viram a ocidente trezentas léguas além do Cabo Finisterra e vendo que eram ilhas, entraram na primeira. Aquelas caravelas voltaram a Portugal a comunicar ao referido Infante as descobertas que tinham feito, com o que ele folgou muitíssimo. O Infante D. Henrique mandou o cavaleiro Frei Gonçalo Velho, capitanear as caravelas que conduziam animais domésticos que se distribuíram por cada uma das ilhas...”

Não diz quem capitaneou as caravelas. A descoberta só fala do seu povoamento. Gaspar Frutuoso escrevia:

“No ano de 1428 se conta que foi o Infante D. Pedro à Inglaterra, França, Alemanha, à Casa Santa e outras daquelas bandas e tornou pela Itália, esteve em Roma e Veneza e trouxe de lá um mapa-múndi que tinha todo o ambiente da Terra e o estreito de Magalhães a que chamavam de Cola do Dragão e o Cabo da Boa Esperança, fronteira da África; e conjecturou que deste se ajudaria o Infante em seu descobrimento...”

Isto foi escrito 150 anos depois, o que pressupõe as terras já serem conhecidas. Mas quem seriam os que as viram primeiro? Os fenícios, mareantes que saídos do Mediterrâneo, singravam aqueles mares até à Grã-Bretanha, à cata de estanho e animais?

A favor dessa hipótese há a hipotética descoberta de moedas fenícias e cirenaicas na Ilha do Corvo, no século XVIII. Já os romanos falavam das numerosas ilhas atlânticas. Estrabão, cita as Ilha Britânicas e as Cassitéridas. Plínio, fala das Gorgondas, onde as mulheres tinham o corpo coberto de cabelos, fala igualmente das Hespérides ou Purpurinas e, a meio delas, das Afortunadas.

Durante séculos falou-se de uma lendária ilha das Sete Cidades, situada algures no Mar Oceano, a oeste da Europa. Datam de escritores latinos, provavelmente no seguimento de tradições bem antigas de povos mediterrânicos as nomenclaturas de Insula Septem Civitatum, Ilha das Sete Tribos ou Sete Povos, posteriormente traduzida como Ilha das Sete Cidades. Estariam os fenícios na sua génese? A hipótese da presença dos fenícios nos Açores é mais provável do que se pensa. Com efeito no jornal Público de 31 de outubro de 2008 era noticiado que o “ADN dos fenícios está nos genes dos portugueses”. Um em cada 17 homens que hoje vivem nas costas do Norte de África e no sul da Europa podem ter tido um antepassado fenício, que tinha como ponto de partida o atual Líbano, conclui um estudo publicado na revista científica American Journal of Human Genetics. Os cientistas do “Genographic Project,” que estuda a forma como a humanidade se espalhou pelo planeta, identificaram um padrão genético associado à expansão dos fenícios, tal como as fontes históricas a revelam. Depois, estudaram o cromossoma Y de 1330 homens nesses locais, para verificar a frequência desse padrão. Descobriram os locais da bacia do Mediterrâneo onde é mais provável haver descendentes masculinos dos fenícios. As zonas litorais e a costa atlântica portuguesa, estão entre as que têm mais descendentes dos fenícios.

Na antiguidade havia efetivamente conhecimento de algumas ilhas atlânticas e do litoral africano. Recorde-se a lenda da Atlântida, referida pela primeira vez em 421 antes de Cristo.

” O conhecimento da costa africana teria resultado de algumas expedições realizadas de que se destacam: a primeira por ordem do faraó Neco II em 610 A.C., depois a viagem de Sataspes (480-470 a.C.) até à Guiné, e o périplo de Hanão em 485 a.C. com sessenta navios desde Cartago, que teria percorrido a costa africana até Cabo Verde.

Estas viagens referenciadas não têm cativado o interesse da historiografia, renitente em aceitar a verdade dos relatos contidos nos textos clássicos. A Historiografia dos séculos XVIII e XIX afirmava perentoriamente a veracidade destas informações e defendia que os fenícios projetaram o seu império comercial na costa ocidental africana.

Apenas os portugueses, pela voz dos seus eruditos mantiveram a tese de que esta área estava por revelar no início das navegações henriquinas. Mais problemático é o nome das Sete Cidades, hoje um ex-libris turístico da ilha verde de S. Miguel. Existe uma crónica relativa às Sete Cidades dum clérigo cristão em 750 a.C. residente em Portucale (atual Porto). Os árabes dominavam já a península ibérica (a sua invasão data de 711 d.C.) e ouvia-se o estertor do fim dos reinos visigóticos. No ano de 734, o arcebispo de Portucale estava em fuga, acompanhado de outros prelados e milhares de fiéis, numa frota de veleiros que chegou sã e salva ao seu destino. Nada mais se sabe dessa expedição à terra das Sete Cidades (Sete Civitates) que os marinheiros asseveravam existir no meio do oceano ocidental.

Esta lenda perdurou na Idade Média com expedições organizadas para o seu achamento. Quase todas as cartas e portulanos medievais onde se representava o Mar Oceano tinham as Sete Cidades. No contexto da tradição brendaniana, a Ilha das Sete Cidades é uma das referências geográficas mais antigas. S. Brandão (484-577) o Navegador (S. Brandão de Ardfert e Clonfert) terá nascido em Ciarraige Luachra, próximo da cidade de Tralee, condado de Kerry, Irlanda, pelo

ano 484. Deve a sua notoriedade e o cognome de Navegador na literatura medieval, às suas famosas viagens marítimas no Atlântico Norte que lhe trouxeram a celebridade. Terá garantidamente visitado a Bretanha, as ilhas Órcades e Shetland e possivelmente as Ilhas Faroé, um feito então incomum. Outras expedições, a lugares mais distantes, nunca puderam ser comprovadas embora fossem possíveis.

A era dos descobrimentos portugueses foi iniciada em 1317 por D. Dinis que contratara o genovês *Micer Manuel Pezagno* (em português Manuel Pessanha) para o comando da frota real. Em 1335, D. Afonso IV envia uma armada ao arquipélago das Canárias cujos privilégios seriam concedidos anos mais tarde (1338) a mercadores estrangeiros.

Segue-se, em 1415, a conquista de Ceuta por uma expedição organizada por D. João I. Com estas atividades aumentam os relatos de registo sobre as ilhas. Fernão Teles, natural dos Açores, mostrou ao rei D. Afonso V (em 1473) um mapa com uma longa costa, ilhas, baías e rios que declarou fazerem parte das Sete Cidades. Talvez fosse a costa norte do Brasil, no delta do Parnaíba, entre Maranhão e Ceará. Aparentemente, o rei não terá acreditado na descoberta, ou não considerou Fernão Teles suficientemente digno, pelo que da carta de doação concedida não consta nenhuma referência às Sete Cidades, mas apenas a uma grande ilha ocidental que se pretenderia povoar. Insatisfeito com a carta de doação, Fernão Teles insiste no pedido das Sete Cidades. Consultado o cosmógrafo genovês *Paolo del Pozzo Toscanelli* (1398-1492), que declarou que a Antília e a Ilha das Sete Cidades seriam naquela margem do Atlântico, finalmente foi concedida (1476) a carta solicitada, mas não se conhece a existência de qualquer expedição subsequente por parte daquele donatário.

Entre as expedições mais bem documentadas conta-se a capitaneada pelo flamengo Ferdinand van Olm (na historiografia açoriana como Fernando de Ulmo ou Fernão Dulmo), residente nos Açores. Casado com uma filha de Fernão Teles, recebeu (em 1486) autorização do rei D. João II para achar o paradeiro da ilha onde estaria localizado o reino cristão perdido das Sete Cidades, o mesmo que o seu sogro teria reconhecido anos antes. De parceria com o madeirense Afonso do Estreito, organizou uma expedição com cofinanciamento real. Infelizmente, Fernão Dulmo não teve melhor sorte que os seus antecessores. Mesmo assim, em pleno século XVII, organizou-se na ilha Terceira uma expedição para explorar o oceano a noroeste do arquipélago, onde teria sido avistada uma ilha desconhecida. Nos Açores sobrevive a lenda da ilha encantada que apenas pode ser avistada por volta do dia de S. João (24 de junho). É frequente, naquele período, o registo visual de ilhas desconhecidas, mas na realidade são bancos de nevoeiro (os temidos nevoeiros de S. João que encerram aeroportos por dias seguidos) e nuvens distantes a emergir do horizonte.

Sobre a Ilha das Sete Cidades, parafraseando a observação aposta no mapa-múndi de Johannes Ruysch (1508) sobre a Antília, se pode dizer: “esta ilha foi descoberta, antigamente, pelos portugueses; agora, quando a procuramos não a encontramos”. Como consolação ficou o nome do maior vulcão do Atlântico, o vulcão das Sete Cidades, na metade ocidental da ilha de S. Miguel, com as suas lagoas e a freguesia do mesmo nome, anichadas no interior da caldeira. Há ainda o lugar das Sete Cidades na ilha do Pico; o Parque Nacional de Sete Cidades no sertão do Piauí, Brasil e múltiplas lendas e histórias em permanente recriação.

O arquipélago, segundo parece, era já bem conhecido pelos Cartagineses e pelos Árabes. Surge perfeitamente localizado em mapas genoveses do séc. XIV, que atribuem o seu achamento a marinheiros portugueses e a genoveses (ao serviço de Portugal), entre 1317 e 1339.

Outros, porém (Daniel de Sá, op. cit.) opinam diferentemente quanto àquela data:

“O padrão erguido em Santa Maria para comemorar o quinto centenário do Descobrimento tem uma data: 1432! Era a que a gente aprendia nesse tempo. E também aprendíamos que o descobridor fora Gonçalo Velho Cabral. Ainda não chegara aos livros de História a decisão que Damião Peres tomara em 1943 de atribuir tal feito a Diogo de Silves. E digo que se tratou de uma decisão, porque o achado pouco parece ter de rigor histórico. No mapa que Gabriel de Valsequa, judeu convertido da Escola Hebraica da Catalunha, fez das ilhas dos Açores em 1439, consta uma legenda que diz que elas foram encontradas em 1427 por um piloto do rei de Portugal. Quanto à data, poucos discordam, havendo, no entanto, quem entenda tratar-se de 1432.

Fazendo fé na maioria, aceitemos 1427. Questão resolvida, portanto. Poucas dúvidas também para o nome de batismo do enigmático navegador: Diogo. (Gabriel de Valsequa, que era maiorquino, teria escrito Diego.) A leitura mais antiga que se conhece da carta de Valsequa é de 1789, e foi feita por um tal Pasqual, também maiorquino. E ele leu Guullen. Depois disso, sucederam-se leituras diferentes, com uma repetição desta. Para complicar tudo, em 1838, no palácio dos condes de Montenegro e de Montouro, em Palma de Maiorca, a tinta de um tinteiro derramou-se sobre o mapa, e não encontrou outro lugar onde cair senão no apelido do navegador. George Sand, que acompanhava o seu amado Chopin que ali fora procurar melhoras para o mal da tuberculose que haveria de matá-lo, assistiu horrorizada à cena, que descreveu mais tarde. Foi uma simples testemunha, mas ainda há quem a culpe do desastre.”

JC sempre associou açores a um pássaro. Como nunca visitara o arquipélago, assim o concebia cheio daquelas aves. De facto, o nome destas ilhas é frequente e incorretamente assinalado como parecendo provir da palavra açor Segundo pesquisas efetuadas por Luiz Antônio de Assis Brasil, que

foi professor de literatura na Universidade dos Açores, há uma versão contando que os primeiros navegadores que aqui chegaram viram milhafres, muito comuns no arquipélago e provavelmente os confundiram com açores, originando-se daí o nome das ilhas. Mas esta resposta, repetida até à exaustão na maior parte dos guias turísticos, de que o nome deriva das aves de rapina avistadas pelos navegadores carece de qualquer fundamento científico. Não há açores nos Açores e a ave a que os açorianos chamam milhafre não é nem um açor nem um milhafre. Vejamos: O *Accipiter gentilis* (açor), só existe acima do Tejo; *Buteo buteo* - a águia-asa-redonda, que habita no continente e ilhas é rara; e o *Buteo buteo rothschildi* - a ave a que chamam «milhafre» nos Açores é uma subespécie de *águia-asa-redonda*.

Outrora designada por Freixial, a atual freguesia de Açores (Portugal Continental), deriva sim o seu nome da ave com o mesmo nome, associada a um dos milagres da Senhora do Açor. A freguesia é constituída pelos aglomerados de Aldeia Rica e Açores. É uma das povoações mais antigas da Beira Alta, assim o prova a lápide funerária visigótica epigrafada que pode ser vista na Capela-mor da Igreja de N.ª Sr.ª do Açor. É venerada pelos cavaleiros medievais do século XII. Em sua honra se celebra anualmente uma romaria no mês de agosto. Esta aldeia teria sido uma importante fortificação, ali está identificado o castro de Açores, a partir do qual se edificou a atual aldeia ou expandindo-se em seu redor. Constituiu um importante santuário sendo sepultada na Igreja, uma princesa visigoda de seu nome *Suintiliuba*, no ano 666 (704 da era de César). Mais tarde, tornou-se num importante centro de romaria, onde convergia gente de Celorico, Guarda, Algodres e Trancoso, para cumprir votos à senhora do Açor, pelo auxílio na guerra (1187) contra os espanhóis. Prometeram os homens de armas da Beira, ali rumarem todos os anos até ao fim do mundo, pela vitória sobre os castelhanos obtida naquela noite, sob a Ainda hoje, conforme essa promessa feita, (a aldeia) Açores constitui o principal e mais importante centro de romaria.

A esta padroeira da freguesia vários milagres são atribuídos:

"O Açor e o Pajem"

<http://www.cm-celoricoabeira.pt/utills/showfoto.asp?id=/images/500/concelho/acoes/vista-do-jardim.jpg>Um rei cristão que veio de longe em peregrinação fazia-se acompanhar por um pajem que, segurava um açor destinado à caça de altanaria. Porém, o pajem descuidou-se e a ave fugiu das suas mãos, o que irritou grandemente o monarca, que de pronto sentenciou que lhe fosse cortado um braço. O criado vendo-se aflito, pediu auxílio à Senhora que atendeu o pedido do pajem fazendo com que o açor viesse de novo pousar milagrosamente no braço do criado, safando-se este da mutilação.

"Aparecimento da Senhora ao Rústico da Vaca"

Havia um pastor que ia a passar com uma vaca num lago, que antigamente existia. A vaca assustou-se, desviando-se do trilho de pedra, que permitia a travessia, indo cair no lago, pelo que o pastor na impossibilidade de a salvar, invocou a Senhora, que fez com que as águas se separassem e a vaca pudesse sair do lago.

"O Filho do Rei Ressuscitado"

Havia uma rainha que vinha em romaria com o filho que se encontrava muito doente. Durante a viagem, uma das criadas que acompanhava a diligência real, informa de que já não valeria a pena prosseguir viagem, pois o filho da monarca estava morto. Porém confiante, a rainha, pediu auxílio à Virgem que ressuscitou o seu filho.

"Milagre da Batalha da Penhadeira"

Em 1187, um poderoso exército castelhano, entrou em Portugal, invadindo e apoderando-se de vários castelos beirões. Quando estavam já em retirada foram surpreendidos por um pequeno exército, chefiado pelos alcaides de Trancoso e Celorico da Beira, que com ajuda da virgem do Açor venceram os castelhanos, nessa noite em que a Lua e as Estrelas deram mais brilho. Deste milagre surgiu a romaria à Senhora do Açor.

Gonçalo Velho Cabral era muito devoto da Nossa Senhora do Açor e, quando foi encarregue da viagem de exploração às ilhas avistadas por Diogo Silves, pediu a proteção à Virgem. Quando descobriu a primeira deu-lhe o nome de Santa Maria, em agradecimento pela descoberta. Ao descobrir as outras, verificou que era um arquipélago e deu-lhe o nome de Açores, em honra da sua protetora.

Outros autores, ignorando esta possível origem do nome, pretendem que o conhecimento das ilhas teve lugar aquando do regresso das expedições às Canárias (entre 1340-1345) no reinado de D. Afonso IV (1325-1357).

Com base nesse prolífico contista, poeta, historiador, que é Daniel de Sá, verifica-se que corrige no seu livro Açores (ed. Everest) as versões que circulam em rede sobre o Descobrimento:

Quanto à origem do seu nome, desde o século XVI que se levanta a dúvida, pensando-se que os descobridores, ao verem milhafres, os tenham confundido com açores. Mas há quem não aceite a estranheza deste batismo. Gonçalo Velho Cabral que, a mando do Infante D. Henrique (quinto filho de D. João I e o principal impulsionador dos Descobrimentos), organizou o povoamento de Santa Maria e São Miguel, talvez tenha sido também o padrinho destas ilhas honrando Nossa Senhora dos Açores, que se venera na antiquíssima igreja gótica de Aldeia Rica, na Beira Alta, que era da sua especial

devoção. Além deste nome, e durante algumas décadas, outro andou juntamente com ele, ou foi usado em vez dele, em boca de marinheiros ou cartas de marear. Ilhas terceiras lhes chamavam, por terem sido descobertas depois dos arquipélagos das Canárias e da Madeira.

Data de 1345 o chamado "*Libro del Conoscimiento*", de um frade mendicante de Sevilha, que teria acompanhado essas expedições portuguesas, onde estão descritas diversas ilhas:

Sobí en un leño con unos moros e llegamos a la primera isla, que dicen Gresa, e après d'ella es la isla de Lançarote, e dicen le así porque las gentes d'esta isla mataron a un ginovés que dezían Lançarote. E dende fui a otra isla que dicen Vezimarín e a otra que dicen Rachan, e dende a otra que dicen Alegrança, e otra que dicen Vegimar, e outra que dicen Forte Ventura, e outra que dicen Canaria. E fui a outra que dicen Tenerefiz, e a outra que dicen la isla del Infierno, e fui a outra que dicen Gomera, e a outra que dicen la isla de lo Fero, e a outra que dicen Aragavia, e a outra que dicen Salvaje, [Selvagens, Madeira] e a outra que dicen la isla Desierta [Desertas, idem], e a outra que dicen Lecmane [Madeira], e a outra el Puerto Santo [Porto Santo], e a outra la isla del Lobo, e a outra la isla de las Cabras [S. Miguel], e a outra la isla del Brasil [Terceira], e a outra la Columbaria [Pico], e a outra la isla de la Ventura [Faial], e a outra la isla de San Jorge, e a outra la isla de los Conejos, e a outra la isla de los Cuervos Marines [Flores e Corvo], e en tal manera que son veinte e cinco islas.

http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01369513212347274654679/019510_2.pdf (Monterey, 1981:28).

Após esta descrição, manter-se-ão os nomes das ilhas dos Açores nas cartas náuticas, por mais de um século:

1351 - O *Portulano Mediceo Laurenziano* (Atlas Laurentino, Atlas Mideceu), atualmente na Biblioteca Nacional de Florença, Itália, assinala as ilhas "Cabrera" (Santa Maria e S. Miguel), Brasil (Terceira), Ventura (Faial), Columbis (Pico), Corvis Marinis (Flores e Corvo) e a de S. Jorge, sem, no entanto, a nomear.

1375 - O Atlas Catalão, de Jehuda Cresques, atualmente na Bibliothèque Nationale de France, Paris, nomeia a ilha de S. Jorge.

1384 - O Atlas Walckenaer-Pinelli assinala a ilha de Santa Maria

1385 - A Carta de Soleri assinala as ilhas anteriormente apontadas e mantém a indicação da "Capraria" (Sta Maria e S. Miguel).

1413 - O mapa de Maciá de Viladestes, também na Bibliothèque Nationale de France, assinala a ilha de Santa Maria.

1426 - A carta de Giacomo Giraldi, assinala a ilha de Santa Maria.

Uma outra explicação, pode ser bem mais simples e plausível através do aportuguesamento da designação genovesa ou florentina das míticas *ilhas azuis*. Esta versão é a menos estimada pelos estudiosos da nomenclatura açoriana. A partir do vocábulo *azzurre*, ou *azzorre*, isto é, *azuis*, terá nascido o nome *açores* hoje usado. De facto, o carregado verde azulado da vegetação nativa dos Açores, que então recobria totalmente as ilhas, fazem-nas parecer azuis, mesmo quando vistas a curta distância.

Resumindo, as ilhas acabaram por ser chamadas assim:

- **SANTA MARIA** padroeira do descobridor Gonçalo Velho Cabral pois no dia em que a avistou era o dia dedicado a Santa Maria de agosto e por essa razão a nova terra recebeu o nome de Santa Maria. Os portulanos genoveses conhecidos até essa data, não fornecem qualquer indicação sobre ilhas no Mar Oceano. A partir dela, entretanto, registam-se:

1325 - *Portulano de Angellinus de Dalort*, assinala uma ilha, a oeste da Irlanda, denominada como "Bracile";

1339 - *Portulano de Angelino Dulcert* assinala não apenas a ilha "Bracile", como outras, nas alturas dos acuais arquipélagos das Canárias (descoberto anteriormente a agosto de 1336 pelos portugueses e nomeando a Canária, Lançarote, Forteventura e outras) e da Madeira, e ainda a "Capraria", que alguns autores associam ao conjunto das atuais ilhas de Santa Maria e S. Miguel. Esses indícios por si só, entretanto, não constituem elementos seguros para se afirmar se testemunham a visita (deliberada ou incidental) de navegantes a serviço de Portugal, ou se se trata tão-somente de ilhas fantásticas (vejam-se as lendas da Atlântida, das Sete Cidades, da ilha de S. Brandão, das ilhas Afortunadas, da ilha do Brasil, da Antília, das Ilhas Azuis, da Terra dos Bacalhaus).

1340-1345 - Outros autores pretendem que o conhecimento das ilhas dos Açores teve lugar quando do regresso das expedições às Canárias realizadas cerca de 1340-1345, sob o reinado de D. Afonso IV (1325-1357).

[...]

Teorias da descoberta das ilhas, in *Crónica Açores: uma circum-navegação, volume um ed. VerAçor 2009*

JC sempre associou açores a uma ave e, como nunca visitara o arquipélago, assim o concebia cheio daquelas aves. De facto, o nome destas ilhas é muitas vezes incorretamente assinalado como parecendo provir da palavra açor. Segundo pesquisas efetuadas por Luiz António de Assis Brasil, que foi professor de literatura na Universidade dos Açores, há uma versão contando que os primeiros navegadores que aqui chegaram viram milhafres, muito comuns no arquipélago e provavelmente os confundiram com açores, originando-se daí o nome das ilhas. Mas esta resposta, repetida até à exaustão na maior parte dos guias turísticos e outros mais, de que o nome deriva das aves de rapina avistadas pelos navegadores carece de qualquer fundamento científico.

Não há açores nos Açores e a ave a que os açorianos chamam milhafre não é nem um açor nem um milhafre...Vejamos, o *occipiter gentilis* - açor, só existe em Portugal continental acima do Tejo; *Buteo buteo* - a águia-asa-redonda, que habita Portugal (continente e ilhas) é cada vez mais rara; e o *Buteo buteo rothschildi* - a ave a que chamam «milhafre» nos Açores é uma subespécie de *águia-asa-redonda* (e semelhante fisicamente).

Com base nesse prolífico contista, poeta, historiador, que é Daniel de Sá, descobrem-se algumas notas:

“A mando do Infante D. Henrique (de quem era muito amigo), Gonçalo Velho Cabral, cavaleiro da Ordem de Cristo e comendador de Almourol, descobriu os Ilhéus das Formigas em 1431 (no seguimento de um primeiro avistamento por Diogo de Silves em 1427) e em 1432 desembarcou nas Ilhas de Santa Maria (a primeira que viu) e S. Miguel. Gonçalo Velho Cabral, que nomeou as ilhas que descobriu (menos o Corvo e as Flores, descobertas por Diogo de Teive), era devoto de Nossa Senhora do Açor, santa adorada numa pequena povoação situada em Portugal continental, na Beira Alta, concelho de Celorico da Beira, a freguesia dos Açores.”

Outrora designada por Freixial, a atual freguesia de Açores (Portugal Continental), deriva sim o seu nome da ave com o mesmo nome, associada a um dos milagres da Senhora do Açor. A freguesia é constituída pelos aglomerados de Aldeia Rica e Açores. É uma das povoações mais antigas da Beira Alta, assim o prova a lápide funerária visigótica epigrafada. Esta, pode ser vista na Capela-mor da Igreja de N.ª Sr.ª do Açor, venerada pelos cavaleiros medievais do século XII e em cuja honra se celebra anualmente uma romaria no mês de agosto. Esta aldeia teria sido uma importante fortificação antiga, ali está identificado o castro de Açores, a partir do qual se edificou a atual aldeia ou expandindo-se em seu redor. Constituiu um importante santuário dos visigodos sendo sepultada na Igreja, uma princesa visigoda de seu nome *Suintiliuba*, no ano visigótico de 666 (704 de César). Mais tarde, tornou-se num importante centro de romaria. Ali convergia gente de Celorico, Guarda, Algodres e Trancoso, para cumprir votos à senhora do Açor, pelo auxílio na guerra (1187) contra os espanhóis. Prometeram os homens de armas da Beira, ali rumarem todos os anos até ao fim do mundo, pela vitória sobre os castelhanos obtida naquela noite, sob a proteção da Virgem dos Açores, pois a lua e as estrelas deram mais brilho, prolongando assim o dia. Ainda hoje, conforme essa promessa feita, (a aldeia) Açores constitui o principal e mais importante centro de romaria.

A esta padroeira da freguesia vários milagres são atribuídos:

“O Açor e o Pajem”

Um rei cristão que veio de longe em peregrinação à senhora do Açor fazia-se acompanhar por um pajem que, segurava um açor destinado à caça de altanaria. Porém, o pajem descuidou-se e a ave fugiu das suas mãos o que irritou grandemente o monarca, que de pronto sentenciou que lhe fosse cortado um braço. O seu criado vendo-se aflito, pediu auxílio à Senhora que atendeu o pedido do pajem fazendo com que o açor viesse de novo pousar milagrosamente no braço do criado, safando-se este da mutilação.

“Aparecimento da Senhora ao Rústico da Vaca”

Havia um pastor que ia a passar com uma vaca num lago, que antigamente existia, pelo que a vaca se assustou, desviando-se do trilho de pedra, que permitia a travessia, indo cair no lago, pelo que o pastor na impossibilidade de salvar a vaca, invocou a Senhora, que fez com que as águas se separassem e pudessem sair do lago.

“O Filho do Rei Ressuscitado”

Havia uma rainha que vinha em romaria à Senhora do Açor, com o filho que se encontrava muito doente. Durante a viagem, eis que uma das criadas que acompanhava a diligência real, informa de que já não valeria a pena prosseguir viagem, pois o filho da monarca estava já morto. Porém confiante, a rainha, pediu auxílio à Virgem que ressuscitou o seu filho.

“Milagre da Batalha da Penhadeira”

Em 1187, um poderoso exército castelhano, entrou em Portugal, invadindo e apoderando-se de vários castelos beirões. Quando estavam já em retirada foram surpreendidos por um pequeno exército, chefiado pelos alcaides de Trancoso e Celorico da Beira, que com ajuda da virgem do Açor venceram os castelhanos, nessa noite em que a Lua e as Estrelas deram mais brilho. Deste milagre surgiu a romaria à Senhora do Açor.

Gonçalo Velho Cabral era muito devoto da Nossa Senhora do Açor e, quando foi encarregue da viagem de exploração às ilhas avistadas por Diogo Silves, pediu a proteção à Virgem. Quando descobriu a primeira ilha deu-lhe o nome de Santa Maria, em agradecimento pela descoberta. Ao descobrir as outras ilhas, verificou que era um arquipélago e deu-lhe o nome de Açores, em honra da sua protetora. Outros autores, ignorando esta possível origem do nome, pretendem que o conhecimento das ilhas teve lugar aquando do regresso das expedições às Canárias (entre 1340-1345) no reinado de D. Afonso IV (1325-1357). Data de 1345 o chamado "*Libro del Conoscimiento*", de um frade mendicante de Sevilha, que teria acompanhado essas expedições portuguesas, onde estão descritas diversas ilhas:

Sobí en un leño con unos moros e llegamos a la primera isla, que dicen Gresa, e après d'ella es la isla de Lançarote, e dicen le así porque las gentes d'esta isla mataron a un ginovés que dezían Lançarote. E dende fui a otra isla que dicen Vezimarín e a otra que dicen Rachan, e dende a otra que dicen Alegança, e otra que dicen Vegimar, e otra que dicen Forte Ventura, e otra que dicen Canaria. E fui a otra que dicen Tenerefiz, e a otra que dicen la isla del Infierno, e fui a otra que dicen Gomera, e a otra que dicen la isla de lo Fero, e a otra que dicen Aragavia, e a otra que dicen Salvaje, [Ilhas Selvagens, no arquipélago da Madeira] e a otra que dicen la isla Desierta [Ilhas Desertas, idem], e a otra que dicen Lecmane [Madeira], e a otra el Puerto Santo [Porto Santo], e a otra la isla del Lobo, e a otra la isla de las Cabras [Ilha de S. Miguel], e a otra la isla del Brasil [Ilha Terceira], e a otra la Columbaria [Ilha do Pico], e a otra la isla de la Ventura [Ilha do Faial], e a otra la isla de San Jorge [Ilha de S. Jorge], e a otra la isla de los Conejos, e a otra la isla de los Cuervos Marines [Ilha das Flores e ilha do Corvo], e en tal manera que son veinte e cinco islas.

http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01369513212347274654679/019510_2.pdf (Monterey, 1981:28).

Após esta descrição, manter-se-ão os nomes das ilhas dos Açores nas cartas náuticas, por mais de um século:

1351 - *O Portulano Mediceo Laurenziano* (Atlas Laurentino, Atlas Mideceu), atualmente na Biblioteca Nacional de Florença, Itália, assinala as ilhas "Cabrera" (Santa Maria e S. Miguel), Brasil (Terceira), Ventura (Faial), Columbis (Pico), Corvis Marinis (Flores e Corvo) e a de S. Jorge, sem no entanto a nomear.

1375 - *O Atlas Catalão*, de Jehuda Cresques, atualmente na Bibliothèque Nationale de France, Paris, nomeia a ilha de S. Jorge.

1384 - *O Atlas Walckenaer-Pinelli* assinala a ilha de Santa Maria

1385 - A Carta de Soleri assinala as ilhas anteriormente apontadas e mantém a indicação da "Capraria" (Sta Maria e S. Miguel).

1413 - O mapa de Maciá de Viladestes, também na Bibliothèque Nationale de France, assinala a ilha de Santa Maria.

1426 - A carta de Giacomo Giraldi, assinala a ilha de Santa Maria.

Uma outra explicação, pode ser bem mais simples e plausível através do aportuguesamento da designação genovesa ou florentina das míticas *ilhas azuis*. Esta versão é a menos estimada pelos estudiosos da nomenclatura açoriana. A partir do vocábulo *azzurre*, ou *azzorre*, isto é azuis, terá nascido o nome açores hoje usado. De facto, o carregado verde azulado da vegetação nativa dos Açores, que então recobria totalmente as ilhas, fazem-nas parecer azuis, mesmo quando vistas a curta distância. Resumindo, as ilhas acabaram por ser chamadas assim:

- **SANTA MARIA** padroeira do descobridor Gonçalo Velho Cabral pois no dia em que a avistou era o dia dedicado a Santa Maria de agosto e por essa razão a nova terra recebeu o merecido nome de Ilha de Santa Maria. As primeiras informações relativas ao [arquipélago dos Açores](#) remontam às viagens marítimas empreendidas pelos [Europeus](#) no [século XIV](#), nomeadamente a partir de [Portugal](#) sob os reinados de [D. Diniz](#) (1279-1325) e seu sucessor, [D. Afonso IV](#) (1325-1357). As atividades de Portugal no chamado "[Mar Oceano](#)" iniciaram-se ao tempo de D. Diniz, a partir da nomeação do almirante mor [Nuno Fernandes Coqominho](#) (1307), sucedido pela contratação do genovês Manuel Pezagno (nome aportuguesado para [Manuel Pessanha](#)), a [1 de fevereiro de 1317](#), para o cargo. Com efeito, os [portulanos](#) genoveses conhecidos até essa data, não fornecem qualquer indicação sobre ilhas no Mar Oceano. A partir dela, entretanto, registam-se:

[1325](#) - Portulano de [Angelellus de Dalort](#) (Dalorto), assinala uma ilha, a oeste da [Irlanda](#), denominada como "Bracile";

[1339](#) - Portulano de [Angelino Dulcert](#) assinala não apenas a ilha "Bracile", como outras, nas alturas dos atuais arquipélagos das [Canárias](#) (descoberto anteriormente a agosto de [1336](#) pelos portugueses e nomeando a [Canária](#), [Lançarote](#), [Forteventura](#) e outras) e da [Madeira](#), e ainda a "Capraria", que alguns autores associam ao conjunto das atuais ilhas de Santa Maria e [S. Miguel](#). Esses indícios por si só, entretanto, não constituem elementos seguros para se afirmar se testemunham a visita (deliberada ou incidental) de navegantes a serviço de Portugal, ou se se trata tão-somente de ilhas fantásticas (veja-se a esse respeito as [lendas da Atlântida](#), das [Sete Cidades](#), da ilha de [S. Brandão](#), das [ilhas Afortunadas](#), da [ilha do Brasil](#), da [Antília](#), das Ilhas Azuis, da Terra dos Bacalhaus, por exemplo).

1340-1345: Outros autores pretendem que o conhecimento das ilhas dos Açores teve lugar quando do regresso das expedições às [Canárias](#) realizadas cerca de [1340-1345](#), sob o reinado de D. Afonso IV (1325-1357). Data de 1345 o chamado "Libro del Conoscimiento", de autoria de um frade mendicante de [Sevilha](#), que teria acompanhado essas expedições portuguesas.

in *Crónica Açores uma circum-navegação*, volume um

[REGRESSAR](#)

Extratos de Crónica Açores uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores

SANTA MARIA DOS AÇORES *setembro 2006*

2.1. FÉRIAS. FESTIVIDADES E GASTRONOMIA

...

Na noite de 14 de agosto, uma violenta tempestade abateu-se sobre a ilha de S. Miguel. Ventos ciclónicos e chuva diluviana. Perdera, por ter ficado totalmente destruída, a tenda tão bonita, que acabara de comprar e mal utilizara. O vento partira as hastes que a seguravam. Deve ter sido pouco forte esse vento. Também se partiu em dois, o toldo do balouço de jardim, onde se sentavam a ler e a ver o pôr-do-sol. As pedras com dezenas de quilos, colocadas umas em cima das outras para fazerem bancos formando um quadrado sob o toldo, foram atiradas ao chão pela força do vento. Felizmente, só viria a saber disto quando já estava de férias longe e casa.

Chovia bastante quando saíram da Lomba, mas ao arribarem a Ponta Delgada amainara. Estava mais fresco que o habitual, mas os prognósticos eram de melhoria. O voo num bimotor a hélice *British Aerospace ATP* demorou vinte minutos, mal dando tempo para aquecer o assento. A abordagem à enorme pista, construída pelos norte-americanos em 1944, fez-se bem. Mostrou o lado aparentemente seco da ilha de Santa Maria.

A viatura do Hotel que os ficara de vir buscar não apareceu. Foram de táxi. O Hotel reembolsá-los-ia. Durante as primeiras 36 horas esteve enevoadado e chuvoso. Não deu para grandes descobertas. No segundo dia levaram-lhe o carro que alugara, um satisfatório Hyundai Matrix Pininfarina. Ao longo de 11 dias conduzi-los-ia a todos os cantos da pequena ilha, em asfalto ou terra.

A partir do segundo dia o tempo esteve sempre bom, bem mais quente e húmido do que em S. Miguel. A primeira coisa que lhes chamou a atenção foi a falta de gente na ilha. Em especial à noite, vista do hotel, a capital (Vila do Porto) só mostrava os postes de iluminação pública acesos. As casas estavam (na sua maioria) às escuras. Para se perceber por que JC se sentira por fim numa ilha, tem de se perceber a dimensão desta e da sua pequena população...

Santa Maria foi a primeira ilha do Arquipélago dos Açores a ser descoberta. Foi Diogo Silves quem a descobriu, segundo a maioria das versões, aquando de uma viagem de regresso da Madeira, decorria o ano de 1427. Hoje, tem uma população de 6 500 habitantes. A capital, Vila do Porto é a mais antiga das vilas açorianas, onde se podem ainda observar vestígios de velhas casas, que pertenciam ao Capitão Donatário com janelas do século XV. É a única ilha dos Açores com grandes

proporções de terra de origem sedimentar, onde se podem encontrar fósseis marinhos. As casas espalhadas por toda a ilha fazem lembrar casas alentejanas ou algarvias, com grandes chaminés. A origem destas chaminés nada tem a ver com o sul de Portugal, ao contrário do que erroneamente se lê em muito panfleto de turismo. As terras são muito férteis e a paisagem rural é de grande beleza. É uma ilha de formas irregulares, com uma área de 97,42 km², 17 km de comprimento e 9,5 de largura, e a que se encontra mais a sul e a oriente do Arquipélago. Foi a primeira a ser povoada, vindo desembarcar das caravelas, em 1439, com um punhado de pioneiros que se fixaram na Praia dos Lobos, ao longo da Ribeira do Capitão. Era este João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro capitão-donatário e seu herdeiro. Deu um impulso ao povoamento trazendo famílias do continente. Até final do séc. XV, Santa Maria regista grande desenvolvimento, o primeiro foral de vila nos Açores foi concedido à localidade do Porto, desde então denominada Vila do Porto.

A prosperidade da ilha assentou, até final do séc. XVIII, no pastel, (o melhor do arquipélago e em abundância), e na urzela, exportados para as tinturarias da Flandres, bem como na cultura do trigo, que tinha procura no continente e abastecia as praças-fortes (portuguesas) do Norte de África. Em 1493, recebe a visita de Cristóvão Colombo, no regresso da primeira viagem à América. No entanto, segundo alguns relatos (a internet da época não permitia ainda a navegação e a informação na hora, sobre quem ele era e qual fora a sua missão ao lado outro do Atlântico) foi considerado um vulgar pirata, e preso, às ordens do governador da ilha, até completo esclarecimento das razões da sua vinda. Esta sua estadia está bem narrada em vários livros recentes sobre a verdadeira identidade de Colombo, aliás Cristóvam Cólón.

Os verdadeiros piratas vieram, nos sécs. XVI e XVII, com ataques de corsários ingleses, franceses, turcos e argelinos, que apesar da valentia do povo, efetuavam razias, incendiavam, pilhavam e levavam os habitantes prisioneiros como escravos e reféns. Dedicando-se à agricultura, em que predominam vinhedos, trigo, milho, batata, inhame, pomares, a pecuária e os laticínios, Santa Maria atravessou, sem sobressaltos, os sécs. XVIII e XIX. A exceção foi a presença de um contingente de tropas que participaram no desembarque do Mindelo, designação dada ao desembarque das tropas liberais a norte do Porto em 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais, nome pela qual ficou conhecida a Guerra Civil Portuguesa (1828-1834). O desembarque, que envolveu cerca de 7.500 homens, entre os quais se contavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar, transportados por 60 navios, permitiu às forças liberais tomar a cidade do Porto no dia 9 de julho, apanhando de surpresa o exército miguelista que haveria de as submeter ao prolongado Cerco do Porto. D. Miguel acabaria por capitular em 1834, em Evoramonte, abrindo caminho à implantação definitiva do Liberalismo em Portugal.

Apesar do nome pelo qual ficou conhecido, o desembarque não ocorreu na vila de Mindelo, mas na praia da Arnosa de Pampelido, atual Praia da Memória, na freguesia da Lavra, concelho de Matosinhos.

O século XX trouxe a Santa Maria a construção do aeroporto (1944) de grande valor estratégico durante a Guerra. Ponto de escala obrigatório nas travessias atlânticas, até finais da década de 60, responsável por uma nova dinâmica e progresso. O Aeroporto tem três pistas, uma delas a mais extensa do arquipélago, com 3.048 metros de comprimento. Construído no contexto da Segunda Guerra Mundial, por tropas norte-americanas, foi inaugurado em 26 de julho de 1945. Finda a guerra foi entregue ao Estado Português, a 2 de junho de 1946. Este era o destino do voo inaugural da Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos (SATA) pelo "Açor" que cairia no mar na manhã de 5 de agosto de 1947, após a descolagem da pista de S. Miguel, matando a tripulação (dois) e os passageiros (quatro). A TAP, Transportes Aéreos Portugueses, passou a fazer escala neste aeroporto em 7 de dezembro de 1962, daqui iniciando voos para Nova Iorque (24 de abril de 1969) e Montreal (8 de maio de 1971). Aqui acontecia uma das escalas do supersónico Concorde, no percurso entre a Europa e a América do Norte e seu regresso.

O Festival Maré de agosto, uma das maiores e afamadas festividades realizadas nos Açores, engloba diversas atividades culturais. Destacam-se os concertos musicais na pequena Praia [Formosa] e que normalmente é visitada com nomes sonantes do meio musical, nacional e internacional, atraindo à pacata ilha de Santa Maria milhares de jovens. Durante os dias 23 a 26 de agosto, vibram de alegria e vivacidade, duplicando ou triplicando a população autóctone. As maiores festas, com características tradicionais e religiosas, realizam-se na Vila do Porto, a 15 de agosto, em honra da sua padroeira Nossa Senhora da Assunção. Ao contrário do que os jornais noticiavam havia mais gente nas festas da nossa aldeia da Lomba da Maia do que na Maré de agosto...

À semelhança das outras ilhas também se realizam as festas do Espírito Santo, que decorrem de abril a junho. Juntam devotos de toda a ilha, para presidir à coroação do Imperador e ao tradicional cortejo, seguidas, das sopas do Império. Qualquer um pode juntar-se na azáfama tão característica das festas, desfrutando a bela paisagem e saboreando a deliciosa sopa. São feitas em grandes panelas de ferro e acompanhadas por pão de milho. Santa Maria oferece, ainda, o caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe. Para os apreciadores de mariscos, há o cavaco, a lagosta, a lapa e cracas. Por fim, temos a doçaria de Santa Maria, nomeadamente os biscoitos encanelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas. Proveniente das vinhas de S. Lourenço, temos o vinho de cheiro, conhecido em toda a região. O

vinho abafado, o vinho abafadinho, o licor e a aguardente, produzidos de forma artesanal, são sinónimos da enorme diversidade de produtos. Com origens na música popular de Portugal Continental, da Beira e Alentejo, o folclore de Santa Maria é único na sua forma de ser e estar, isto porque, com o passar dos tempos e com o isolamento, as músicas foram moldadas, adquirindo formas próprias. Existem vários grupos folclóricos que dão vida, às músicas e danças de outros tempos, e aos trajes, rigorosamente preservados.

Havia muita coisa mais para ainda ver e aprender na ilha de Santa Maria:

PRAIA FORMOSA:

Magnífica praia de areias claras e cristalinas onde se realiza o Festival Maré de agosto. Situada numa maravilhosa baía na costa sul, pertence à freguesia de Almagreira e fica a pouca distância da Vila do Porto. A par de boas acessibilidades, a existência de uma belíssima praia de areias claras faz deste local uma zona de eleição de muita gente que ali acorre, sobretudo no verão. A Praia Formosa tornou-se numa zona de veraneio e lazer, com grande número de habitações destinadas a esse fim.

ERMIDA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA:

Com a particularidade de ter, em degraus, o mesmo número de contas do rosário, sendo necessário subir os cento e cinquenta degraus para chegar à ermida. Situada na freguesia de S. Pedro, no Alto das Feteiras, foi a primeira ermida a ser construída em homenagem às aparições de Fátima, fora da diocese de Leiria. Foi inaugurada em 1925, procedendo-se quatro anos depois à construção da grande escadaria que caracteriza o monumento, dedicado ao Santo Rosário, com o exato número das contas de um rosário, e dez patamares, que representam cada um dos Mistérios do Terço. Do Alto das Feteiras, tem-se um fantástico panorama

S. LOURENÇO:

Estância balnear com praia e piscinas naturais. A possibilidade de praticar desportos aquáticos ou de visitar o Ilhéu único na sua riqueza subaquática. Das muitas vinhas que cobrem toda a costa, provém o apreciado vinho de S. Lourenço. A Baía, situada a noroeste, é um local magnífico. Com as encostas plantadas de vinhedos em típicos "currais" rodeando uma praia de areia clara, no extremo da qual se situa o Ilhéu do Romeiro, ali se encontra uma gruta com estalactites e estalagmites, acessível de barco e com um cais natural no seu interior. Existem os restos do Forte da Baía de S. Lourenço a Este. Em posição dominante sobre aquele trecho da costa da ilha, constituiu-se uma bateria destinada à defesa daquele ancoradouro contra os ataques de piratas, outrora frequentes.

ANJOS:

Pequena localidade, a norte da ilha, onde ainda hoje se mantém maravilhosamente preservada a pequena capela onde alegadamente Cristóvão Colombo mandou celebrar uma missa de graças. Praia e piscina natural com temperaturas de água convidativas e vista para a Ponta dos Frades. Anjos é uma pacata freguesia, dona de uma aprazível baía classificada como Reserva Natural. A localidade tem mantido a sua paz de espírito e tradição. Diz-se que os primeiros habitantes aqui se terão fixado, vindos do Algarve e Alentejo para a costa norte da Ilha, atracando nesta agradável baía natural. Famosa é a Ermida de Nossa Senhora dos Anjos, à frente da qual está a homenagem a Cristóvão Colombo, numa escultura de bronze. De facto, diz-se que Cristóvão Colombo ordenou que aqui se celebrasse a Missa de Ação de Graças após a viagem de Descoberta do continente Americano, em 1493, tendo prometido em alto mar que a mesma se realizaria assim que aportasse em solo firme, como agradecimento do grande feito.

Coberta de vinhas, a ilha assemelha-se a uma pintura, que não deixa ninguém indiferente. As elegantes chaminés brancas distinguem-se por entre inúmeros jardins e plantações de flores em vez das hortas mais tradicionais em S. Miguel. Mas não são chaminés algarvias como bem exprimia Daniel de Sá no seu livro "Santa Maria Ilha Mãe"

*"Até as **chaminés** mais antigas não se erguem muito acima dos telhados. As redondas vão um pouco mais alto, na sua elegância de navio a vapor. E pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que, para a sua construção, se inspiraram nas chaminés dos transatlânticos que os traziam de novo à ilha. Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria apenas umas três ou quatro. O que quer dizer que todas as outras casas seriam provavelmente ainda do século XIX ou princípios do XX, mantendo as chaminés de mãos-postas, como que pedindo aos Céus a bênção para o lar, o forno e o fumeiro. Essas chaminés "de vapor" provocaram uma interpretação errada que ainda hoje persiste, mesmo entre pessoas cultas. Bastaria saber a época a que pertencem para se pôr de parte a apressada tese. Por causa da sua ligeira parecença com as do Algarve e do Alentejo, houve quem as visse como herança das gentes do Sul do Reino. Coincidência somente."*

As páginas de história de Vila do Porto e dos Anjos, Santo Espírito e S. Pedro são pontos de um roteiro que leva a conhecer igrejas, conventos, fortalezas que recordam tempos passados. Recortada por baías, Santa Maria tem as mais belas praias dos Açores, com areias brancas e águas cristalinas onde as suas ondas desafiam os surfistas, o windsurf, a vela, o mergulho, a pesca desportiva de alto-mar, enfim, inúmeras atividades para os verdadeiros apreciadores de férias desportivas. Mas são os apreciadores de férias tranquilas e revigorantes que encontram à sua disposição o descanso desta paisagem bucólica.

Contraste entre os montes verdejantes e as planuras despidas de vegetação primitiva, é o improvável Barreiro da Faneca, cicatriz vermelha dos milhões de anos de idade do solo. Um desafio ganho por uma imaginação delirante. O Barreiro consiste numa vasta área de solo árido conhecido pelo "Deserto Vermelho dos Açores", donde outrora se extraía o barro, que serviu de base a uma atividade económica importante da ilha, sendo também exportado para outras ilhas. Não há indicações em como ir para este local, ao qual acabara JC por ir parar na sua incessante descoberta de caminhos e vias secundárias. Posteriormente, noutra senda, acabaria por encontrar um acesso melhor. Sentira-se numa verdadeira paisagem do outro mundo, rodeado pelas peculiares dunas. Usando a terminologia de Daniel de Sá

É uma paisagem singular e única no arquipélago, advinda principalmente de uma forte erosão, e composição físico-química do solo, resultando num "ex-líbris" paisagístico de Santa Maria, que urge preservar, combatendo a expansão de vegetação invasora e o controle da prática de desportos motorizados que destroem as dunas.

O movimento do aeroporto é reduzido. Como na ilha pouco há para fazer, resolveram ir até lá. Viram um cargueiro *Ilyushin*, de fabrico russo, cuja tripulação de nove membros (todos vestidos de igual) se dirigiu para o Hotel Santa Maria nas antigas instalações da messe militar norte-americana. Descolou pela meia-noite. Aqui podiam fazer-se conjeturas várias, estofos

de espões e de livros dos mesmos ao serviço de Sua Majestade. O elevado número de curiosos e de fotógrafos improvisados, que ocorreu ao local para apreciar um dos maiores aviões do mundo, assim levavam a congeminar. A este propósito, uma das coisas mais impressionantes da ilha é a zona das velhas instalações norte-americanas na zona aeroportuária.

Devido à sua posição estratégica no Atlântico, em 1944, as Forças Aéreas Americanas construíram um aeroporto e uma grande base militar na costa ocidental da ilha. Durante um longo período, até que não precisassem de reabastecimento para a travessia, todos os aviões transatlânticos tinham que fazer uma paragem obrigatória em Santa Maria. Desde que a base foi desativada, o aeroporto perdeu a sua importância. Hoje, serve os voos interilhas da SATA, assegurando a ligação diária com S. Miguel. Durante os meses de verão, pode-se chegar à ilha através do serviço regular de ferry, duas vezes por semana, de S. Miguel. Em 1944 a construção do aeroporto em Santa Maria fez com que esta se tornasse de grande valor estratégico durante a fase final da Segunda Guerra Mundial e uma paragem obrigatória no Atlântico até ao fim dos anos 60. A introdução de novos tipos de aviões com uma maior autonomia de voo tem vindo a reduzir o tráfego no aeroporto de Santa Maria, mas continua a ser um dos dois aeroportos mais bem equipados dos Açores.

O controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea (FIR) Oceânica de Santa Maria também se situa na ilha, e irá seguir o lançamento do primeiro Automated Transfer Vehicle (ATV) europeu para a Estação Espacial Internacional (ISS) e planeado para ajudar no reabastecimento para os astronautas em órbita. A 28 de novembro de 1944 foi assinado um acordo entre os governos de Portugal e dos Estados Unidos concedendo a este último, autorização para construir e utilizar uma base naval e aérea na Ilha de Santa Maria. Tratava-se de uma primeira presença norte-americana nos Açores, antes da sua transferência para a base das Lajes, já depois do final da segunda Guerra Mundial. Assinado na fase final da segunda Guerra Mundial, o acordo luso-americano não pode deixar de ser entendido no contexto da política externa portuguesa durante a Guerra, nomeadamente da inflexão dessa mesma política no sentido de uma "neutralidade colaborante" com as potências aliadas. Recorde-se que este acordo foi precedido de um outro, assinado em agosto de 1943, entre os governos de Portugal e do Reino Unido, concedendo ao governo britânico autorização para criar nas Lajes uma base naval e aérea durante o período de guerra.

Os Estados Unidos, sobretudo as autoridades militares norte-americanas, não ficaram satisfeitos com o teor do acordo luso-britânico de 1943, uma vez que este não previa a possibilidade de as forças norte-americanas terem acesso direto à base inglesa. Esta era cedida unicamente à Inglaterra e, apesar de estar previsto o seu uso "para o reabastecimento de aviões e navios das Nações Unidas", a "manutenção de unidades americanas em permanência" não era contemplada. Para os americanos esta situação tinha um duplo inconveniente: por um lado, continuava a faltar uma escala fundamental no transporte das tropas americanas para os continentes europeu e africano; por outro lado, sendo a base dos Açores um estabelecimento britânico, não assegurava os direitos de longa duração que os americanos pretendiam já adquirir.

Coexiste em Santa Maria um antigo aglomerado urbano, datando dos inícios do povoamento insular – Vila do Porto – com um recente núcleo de características modernas – o Bairro do Aeroporto. Mas esta situação é talvez ainda mais interessante, pois o povoado antigo é o primeiro em data de fundação, em todo o arquipélago. Possui uma clara originalidade de traçado e constituiu, até ao século XX, o único da ilha mais oriental. Também o bairro moderno assumiu um carácter mais inovador, do ponto de vista urbanístico e arquitetónico. Vila do Porto, com o seu troço mais antigo, a sul, de desenho claramente linear, implantou-se ao longo da crista de uma elevação junto à costa, no sentido norte-sul, entre dois vales

escavados por ribeiras. Apresenta uma estrutura de feição medievo-renascentista, transicional, que recorda, na forma, as vilas de fundação real e medieval (sem as muralhas). De facto, uma rua principal, acompanhada de outra via paralela, ambas grosseiramente retilíneas, formam o essencial da antiga povoação, completadas por terceira rua secundária e algumas curtas transversais.

Assim descreveu Gaspar Frutuoso a vila mariense em finais de Quinhentos, depois de século e meio de consolidação:

"Tem esta Vila do Porto três ruas compridas, que correm direitas a esta ermida de Nossa Senhora da Conceição e ao porto, as quais começam no adro da igreja principal. A rua do meio, muito larga e formosa e de boa casaria (...). As outras duas ruas não são tão povoadas por se entremeterem nelas paredes de muitas hortas e quintais e serrados; divididas estas três ruas com outras azinhogas e travessas." (in Saudades da Terra, volume III, capítulo VI, pág. 47).

Esta "primeira fase" do povoado talvez ainda tenha tido um núcleo primevo e prévio, de tipo "povoação-praça", ainda mais concentrado (antes de crescer pelas três ruas), junto ao forte e à Ermida da Conceição, tradicionalmente considerada a primeira matriz. Também as analogias desta estrutura com fundações iniciais nas outras ilhas são evidentes. Veja-se a comparação de Vila do Porto com o traçado da vila da Povoação em S. Miguel. Neste caso a implantação fez-se em vale, ao longo da margem da ribeira, embora igualmente perpendicular à costa. No caso de Vila do Porto, o assentamento sobre a longa elevação só contribuiu para a sua expressão e silhueta mais medievalizante. Hoje, em planta atual da capital mariense, podemos reconhecer efetivamente as três ruas fundacionais, que se desenvolvem entre a Ermida da Conceição e a Matriz de Nossa Senhora da Assunção. São a rua principal (de Frei Gonçalo Velho), a via que a acompanha a nascente (Rua Dr. João de Deus Vieira / Rua da Boa Nova / Rua da Misericórdia), e a mais secundária, quase de "traseiras", a Rua do Livramento / Rua José Inácio de Andrade. Mesmo as arquiteturas residenciais que as definem (ou definiam até há poucos anos) ainda em muitos casos proveem dos primeiros séculos do povoamento. Destaquem-se, na rua principal, a tradicional Casa do Capitão Brás Soares de Sousa, (nº 14 da Rua Frei Gonçalo Velho), notável solar de resquício medieval com a Capela do Livramento, exemplar de solar antigo dos Açores (preciosidade que caiu em ruína nos últimos vinte anos, e finalmente, em 2003-2004, desapareceu por demolição, altamente lamentável); e a fachada térrea da Casa do Donatário, de feição quatrocentista, com arcos góticos e manuelinos (outro "caco", só fachada).

É neste troço que se situa a Misericórdia (na rua homónima), com a tradicional Capela do Senhor dos Passos, dedicada ao Santo Espírito e à procissão dos Passos, como se presume uma vez mais pelo texto de Frutuoso:

"(...) há mais duas igrejas nesta vila [além da matriz], muito boas casas: uma, nomeada Espírito Santo e Misericórdia, onde se fazem muitas obras de caridade; outra de Nossa Senhora da Conceição, que está sobre a rocha e o porto".

Num quadro fundacional, onde apenas se edificavam as funções essenciais, estaria completa a vila, com Forte, Casa do Capitão, Matriz e Misericórdia, se lhe acrescentássemos a Câmara e Cadeia, que devem ter tido lugar aqui, e só mais tarde terão passado para o atual sítio, no convento franciscano. De facto, as três ruas atrás referidas convergem junto à Matriz. O seu prolongamento, para norte, faz-se por

uma típica "rua nova", mais larga que as anteriores, mais reta e de traçado claramente já atribuível aos séculos XVII-XVIII (atual eixo da Rua Teófilo Braga/Rua Dr. Luís Bettencourt/Rua José Leandres Chaves), o que se comprova novamente pela descrição de Frutuoso, que em 1590 referia a área ainda por urbanizar, embora com a direção norte já definida: "Acima da igreja principal, para dentro da terra, ficam algumas casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, quer vai correndo entre serrados, e acabar antes que cheguem a uma ermida de Santo Antão, que está em um alto" (*idem*, p 47).

A ermida é hoje a Igreja de Santo Antão, que culmina a rua longa e larga que referimos antes, e com ela o núcleo urbano linear como ele se definiu até aos séculos XIX-XX. Foi nesta rua que se instalaram os sucessivos conventos da vila, em típica instalação arrabaldina.

De sul para norte, implantaram-se: o Recolhimento de Santa Maria Madalena, com capela (logo acima da Matriz, num largo lateral) de 1594-1600 (melhorada em 1691 e 1841); o Convento de S. Francisco, com a Igreja de Nossa Senhora da Vitória (a "igreja dos frades", de 1607-09, reconstruída em 1725), sede atual da Câmara Municipal, deitando para um amplo largo ajardinado, e a mais erudita destas instalações em Vila do Porto, com um elegante claustro; e, do outro lado da rua, o Convento de Santo António, de expressão mais vernácula, atual Biblioteca Municipal.

Por tudo o que atrás se afirmou, se depreende a persistência notável deste traçado urbano de Vila do Porto, que chegou quase intacto até ao século XX. Mais para norte, a vila apenas se desenvolveu lenta e secularmente, pelo prolongamento, natural e gradual, da via direita que nasce no cabeço fortificado junto ao porto. No século XX algumas construções recentes, em desenho moderno, foram lentamente renovando o ambiente urbano desta "vila-rua", embora de modo muito pontual. Refiram-se, a título de exemplo, os Correios (do arquiteto João Rebelo, 1958-63) e a sede da Polícia (arquiteto Jorge Kol de Carvalho, 1988-95). Este conjunto urbano foi reconhecido oficialmente no seu alto valor histórico arquitetónico, há alguns anos. O chamado "Centro Histórico de Vila do Porto", classificado pelo Governo como possuindo "Valor Regional" em 1992 (com plano de salvaguarda e regulamentação em 1993), permanece, porém, atualmente meio abandonado. Pouco a pouco transformado num "caco", sobretudo do lado do mar, o mais antigo, pois não recebe há anos investimento governamental ou municipal digno desse nome. Sendo o exemplar único de uma vila medieva, ensaiada pela primeira vez fora da Europa nos idos de 1450, aventurosamente sem recorrer à muralha habitual, o qual singrou e persistiu até hoje, merece por certo melhor apoio, destino e futuro.

Um dos sítios mais interessantes da ilha e mais menosprezado é o bairro do Aeroporto. Criminosamente, as autoridades portuguesas, decerto ignorantes (ou meramente desconhecedoras) do valor patrimonial do mesmo não estão a investir para o preservar. Trata-se de um exemplo vivo (e já raro) da construção militar norte-americana da 2ª Grande Guerra. O seu valor poderia, inclusive, ser aproveitado como cenário de filmes de guerra da época, dado que muitas das instalações, a messe, as casas e a igreja conservam as suas características originais de há mais de 60 anos. A qualquer momento esperamos que nos salte ao caminho um "GI" Joe fardado a mandar parar e pedir documentação de circulação na base...

O Bairro do Aeroporto constitui uma pequena "cidade-jardim", característica do urbanismo moderno internacional dos meados do século XX, fruto da instalação aeroportuária de emergência que, foi edificada pelos norte-americanos para apoio à vasta pista de aviação entre 1944 e 1946, e à escala do trânsito militar

por ar, destinado a terminar com a guerra no Pacífico. Curiosamente, a sua forma urbana implantou-se de um modo relativamente análogo ao da projecta Vila do Porto, em orientação sensivelmente nor-noroeste (enquanto a implantação de Vila do Porto é parecida, mas nor-nordeste), e com uma estrutura também essencialmente linear, embora mais complexa que a da antiga vila mariense, como veremos. Por esta via, e fruto dos "ventos da história", surgiu deste modo em Santa Maria uma inesperada vertente moderna, com obras de arquitetura coerente e servindo as funções mais diversas. O bairro representou uma profunda inovação, mesmo uma rutura no quadro do urbanismo tradicional insular,

"(...), porém em sintonia com a grande escala do urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas (para evitar as velocidades excessivas), edifícios simples, prefabricados (com estrutura metálica, trazida dos Estados Unidos), espaços arborizados entre os imóveis. Verdadeiro bairro-jardim, a base americana revolucionou o quotidiano da população mariense, que depressa a ela se habituou. Incluía equipamentos, todos prefabricados, como o cinema 'Atlântida Cine', inaugurado em 1946; o clube 'Asas do Atlântico', de 1950; e ainda igreja, ginásio e residências, estas isoladas e em blocos coletivos (estas últimas foram depois transformadas no original Hotel do Aeroporto)." (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336).

O conjunto do Bairro do Aeroporto, retomado pela Aeronáutica Portuguesa em junho de 1946, teve uma sequente intervenção de desenho moderno por Keil do Amaral (em 1950). Este autor deve ter trabalhado no plano geral (com a rede viária e as suas placas de sinalização de trânsito, idênticas na forma e no lettering às do Parque do Monsanto, em Lisboa, do mesmo arquiteto), na adaptação da aerogare a uso civil, na habitação do diretor e na fiada de habitações contíguas, tudo dentro da estética dos anos 1950. Em termos urbanos, o desenho do bairro é bastante simples (uma representação geral em planta, que existia no antigo Hotel do Aeroporto nos anos de 1980, entretanto ardeu com o hotel, há vários anos). Uma via de serviço, mais a poente, liga as instalações da aerogare à antiga vila ou diretamente ao porto, pela famosa "Estrada da Birmânia"; uma outra via destina-se às áreas mais residenciais, a nascente. Estas áreas estão agrupadas em sequências de largos quarteirões abertos, muito arborizados e com afastamentos entre todas as edificações. De sul para norte, passa-se por uma série de habitações "em lata" (os prefabricados); uma via transversal de equipamentos (igreja, ginásio, cinema, etc.), com um espaço livre e amplo fronteiro; uma nova série de habitações metálicas, até se atingir o extremo norte do conjunto, onde fica o Hotel (entretanto reconstruído com outro projeto) e o Clube Asas do Atlântico, para além de algumas habitações mais individualizadas destinadas aos dirigentes do aeroporto.

As imagens das casas prefabricadas deram a ideia a JC. Como os norte-americanos gostariam de ver como são preservadas estas relíquias da 2ª Guerra. É pena que muitas estejam abandonadas. Grande parte delas dispunha de jardins e sebes bem arrançados e uma flora de antenas parabólicas de televisão. Que desperdício. É sempre doloroso ver estes crimes de falta de preservação dos ricos patrimónios de relevância cultural em que Portugal foi sempre pródigo. Enquanto na Austrália se declaram edifícios de interesse nacional imóveis com menos de cem anos, aqui em Portugal dá-se um pontapé numa pedra e surgem mais de mil anos de história ao desbarato e abandonada. Em Santa Maria tudo isto que podia e devia ser acarinhado e preservado está abandonado ou decadente. Tal como o país...

2.2. SANTO ESPÍRITO e MUSEU DE SANTA MARIA

Durante os doze dias de estadia fizeram mil quilómetros e tiveram (quase sempre) a sensação preocupante de estarem numa ilha. Convém realçar esse notável monumento do Santo Espírito: uma igreja notável que tem o seu altar preenchido com uma talha retirada do antigo Convento de Santo António, que não é coevo da igreja nem a ela se adapta. Largamente aberta para o mar, mais do que a zona que lhe fica a norte e com uma maior extensão de terras agricultáveis, a freguesia de Nossa Senhora da Purificação, vulgarmente chamada de Santo Espírito, beneficiou ainda com a proximidade da sede concelhia.

Nos finais de Quinhentos, contava 413 almas de confissão em 102 fogos. Note-se, todavia, que a população se congregava sobretudo a sul e a SE e que as marcas da presença humana se tornavam mais ténues à medida que se caminhava para o interior e se desvaneciam os tons de meridionalidade. Saliente-se, aliás, que o maior peso demográfico das zonas sul e sueste explica, certamente, a decisão de se ter mudado a sede da freguesia da primitiva paroquial, o templo que é hoje a Ermida de Santo António, para a atual Igreja de Nossa Senhora da Purificação. A sua época de construção inicial é sec. XVII/XVIII. A igreja é constituída por um corpo principal (de três naves), corpo da capela-mor ladeado pelos corpos das colaterais, torre sineira (adossada à direita do corpo das naves na continuidade da fachada), uma capela saliente do lado do evangelho, outra capela (onde se encontra a pia batismal) e a sacristia salientes do lado da epístola. A fachada, tripartida, tem dois vãos ao eixo da secção central (a porta principal encimada por uma janela) enquadrados por uma decoração barroca exuberante e de sabor popular em cantaria. Ao eixo de cada uma das secções laterais existe uma janela encimada por cornija, por grandes volutas e por uma concha. A secção central da fachada é encimada por um frontão contracurvado formado por duas volutas que elevam uma cruz. As secções laterais, mais baixas, são encimadas por aletas definidas por grandes volutas que amparam a parte superior da secção central. As três secções da fachada estão divididas por pilastras encimadas por pináculos e estão separadas das aletas e do frontão por um forte cordão moldurado (como uma cornija quebrada). A torre sineira tem, na parte superior, um vão de sino em cada face rematado em arco de volta perfeita sobre impostas. Os cunhais da torre sineira são também encimados por pináculos. A inscrição na torre sineira sob o campanário da fachada marca 1779.

A igreja está envolvida por um adro, limitado por um murete com remates de cantaria, acessível por degraus a toda a largura da fachada, por escadas laterais e por uma rampa posterior. No adro existe uma placa com a inscrição "construção séc. XVI / ampl. séc. XVIII / rep. Adro 1966". No interior, as naves estão separadas por quatro arcos de volta inteira assentes em pilares de secção quadrada com grandes bases sobre plintos. Os tetos são de madeira de três esteiras. Sobre a entrada existe um coro-alto à largura das três naves. A capela-mor e as colaterais têm retábulos, sendo o da capela-mor e o da colateral do lado da epístola de talha barroca de estilo nacional. No pilar central do lado da epístola está inserido um púlpito com a base de pedra, em consola, e com uma guarda de madeira torneada. O edifício é construído em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com exceção do soco (de volumetria densa e bojuda), dos cunhais, das molduras dos vãos, das bordaduras e restantes elementos decorativos da fachada, dos arcos e dos pilares do interior que são em cantaria (alguns dos blocos de pedra das faces das torres que deveriam estar rebocadas estão à vista). A cobertura é de duas águas em telha de meia-cana tradicional rematada por beiral duplo. A torre sineira culmina em cúpula apontada revestida a azulejo.

Junto à notável igreja, encontra-se o Museu da Ilha de Santa Maria, reorganizado e reaberto ao público no verão de 1996.

A visita ao Museu inicia-se pela descoberta de alguns ambientes tradicionais como a cozinha, espaço da maior importância na casa mariense. Aqui, dão-se a conhecer, no seu contexto, os objetos quotidianos, quase todos de fabrico local e os de faiança, oriundos da vizinha Ilha de S. Miguel. Depois de subir a escada de acesso ao primeiro piso, surge o quarto, com a alta cama de estado, coberta de mantas e de colchas regionais. Sobre a cómoda, "o oratório, velha herança familiar onde se veneram os santos de maior devoção", como escreveu Jaime de Figueiredo na década de 1950. Entra-se depois na zona da exposição permanente sobre "O Barro, a Cerâmica e a Vida Quotidiana". Num primeiro núcleo, é abordada a importância que o barro teve ao longo dos séculos para a Ilha de Santa Maria, desde a sua extração e preparação para exportação até ao trabalho nas olarias locais, florescente e diversificado em tempos. São as peças saídas das tendas de alguns célebres mestres oleiros, completadas por outros objetos, que vão contar um pouco da história e do quotidiano mariense. O talhão de Santa Maria, para reserva de água ou de cereais, é a peça mais emblemática. Também a mais conhecida é igualmente utilizada nas outras ilhas dos Açores. Mas de fabrico marcadamente local são a escoadeira de torresmos, o cuscuzeiro (para a confeção de cuscuz) e a cabouca para servir as sopas do Espírito Santo. De seguida, outros objetos cerâmicos pertencentes ao interior da casa evocam a preparação, o consumo e a conservação dos alimentos, quer nos meios humildes quer nos extratos mais ricos da sociedade mariense, com todas as influências vindas do mundo exterior, as faianças e porcelanas, as garrafas de vinho do Porto. Existem ainda objetos ligados à higiene do corpo. Tão antigos como o povoamento da Ilha, são os trabalhos nos campos. Ao lado das alfaias agrícolas, a bilha da água ou do vinho e o talhão para armazenagem de cereais, dorna das adegas, têxteis e o traje tradicional de Santa Maria, brinquedos de barro das crianças, testemunhos do culto e das festas religiosas da Ilha.

No enquadramento desta cozinha, como nas copeiras de Santa Maria, apresenta-se a parafernália usada ainda hoje na feitura e no serviço da "função" em honra do Divino Espírito Santo. Os aspetos multifacetados da cultura atual têm lugar nas duas salas de exposições temporárias.

Fora aqui no Museu e com o guia e seu Diretor, Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos, que tivera JC uma longa conversa. Em vez de fechar o Museu pelas 12:30 saíram de lá pelas 14 horas, cheios de fome. Recebera um convite para levar a Santa Maria os Colóquios da Lusofonia, mas os problemas da insularidade parecem difíceis de ultrapassar. Convém referir que além dos Anjos (celebrizada pela sua ligação a Cristóvão Colombo), há duas praias notáveis pela sua envolvente de socalcos cheios de vinhedo: S. Lourenço e a outra (mais pequena) Maia.

A Baía de S. Lourenço ao fundo de uma encosta, é caracterizada pelos seus vinhedos que dão origem ao seu vinho de S. Lourenço. Os vinhedos estão dispostos em currais ao longo da enseada verdejante que se debruça sobre o mar. Lá em baixo, uma praia de areia fina e branca estende-se ao longo da costa, completando o cenário de sonho (de nenhuma das vezes que lá fora conseguira descortinar o areal destas imagens publicitárias...). Com uma área de 113 hectares classificada como reserva natural desde 1987, esta baía é uma das grandes atrações naturais da ilha de Santa Maria. A Baía, também conhecida por baía do "Sol Nascente", fica situada na costa mais oriental dos Açores, onde primeiro nasce o sol, naquele arquipélago Num extremo da baía situa-se o Ilhéu do Romeiro, com um pequeno cais natural e uma

peculiar gruta com estalactites e estalagmites, acessível de barco. S. Lourenço é uma unidade paisagística construída no sec. XVIII/XIX, num conjunto de encostas voltadas ao mar, dispostas em anfiteatro, estruturadas em socacos preenchidos com compartimentos regulares, murados, para cultivo e proteção da vinha ("quartéis"). Estes compartimentos têm acesso por estreitos escadórios orientados no sentido do maior declive das encostas. Ao longo da estrada de acesso distribuem-se construções para habitação de veraneio de qualidade muito desigual.

A Maia também é conhecida pelo seu Farol a que treparam. Lá vieram a conhecer uma jovem faroleira que, colocada há dois anos num dos poucos faróis ainda manejados por seres humanos, se mostrou sem medos nem temores. Ainda por cima os telemóveis não funcionavam naquela parte da ilha, nem mesmo no topo do farol. Dela ouviram as palavras que a "solidão dos faroleiros é muito relativa" e ali pretendia continuar. Natural da ilha, confessou que quando esteve no continente a tirar o seu curso, não tinha gostado do que tinha visto e se sentia melhor ali que em qualquer outro lugar. Plena de tranquilidade e beleza, a Maia localiza-se numa área de grande beleza natural, no sopé de uma falésia que forma uma aprazível baía, classificada como Reserva Natural. Esta pequena baía forma também uma muito apreciada piscina natural, muito apreciada tanto por locais como pelos muitos visitantes que se deliciam com as paisagens naturais de grande deslumbramento que a ilha a todo o momento oferece. Vale a pena conhecer as suas ruas calmas, apreciar as encostas escarpadas sabiamente cultivadas para aproveitar o melhor que este fértil solo tem para oferecer, aliado à força e beleza do vasto Oceano Atlântico.

As atividades vulcânicas que deram origem à ilha deixaram profundas fendas e túneis, conhecidos por furnas. Merecem visita a Furna das Pombas com 337 metros de comprimento, e a Furna dos Anjos com 118 metros de comprimento. A visita às furnas exige a presença de um guia e o uso de equipamento adequado. Foi tendo isto em vista que resolveram contactar a Márcia, organizadora de Passeios Pedestres, para os levar a uma das grutas com fósseis. Foram, só que se esqueceram de lhe perguntar onde iam e ela pensando que eram os três (JC, a mulher e o Nigel) experientes andarilhos meteu-os por vales e montes, íngremes, por caminhos de cabras (se cabras aí houvesse), por trilhos que ela mesmo ia desbravando com uma faca (aqui não é Timor e não há catanas). A viagem era para demorar quatro horas, mas dado o avançado estado de esgotamento (à exceção do Nigel que até carregava a mochila da guia) terminou ao fim de três horas. Desde o SMO que JC não andava tanto..., mas valeu a pena, a gruta estava cheia de exemplos de fósseis. Pena foi que ninguém o tivesse filmado até subir ao monte onde está o Parque Eólico, o primeiro de Portugal construído em 1989. Uma excursão de montanhismo daquelas dificilmente se repetirá. Muito mais haveria a dizer sobre esta primeira incursão à ilha, mas a palavra que encapsula a sensação dos dias ali passados é TRANQUILIDADE. O local ideal para descanso, para recarregar qualquer tipo de pilhas humanas stressadas.

O amor da ilha em Daniel de Sá, 28/10/2011

Falo hoje aqui de Daniel de Sá, um escritor e um amigo, cuja obra comecei a traduzir antes de o ler, de ser amigo, antes mesmo de saber a cor e o cheiro dos seus lugares de infância e de calcorrear as ruínas onde habitou e das quais se serviu para essa obra que é o *“O Pastor das Casas Mortas”*.

Nesse livro e no plano da linguagem, o autor (ed. VerAçor 2007) dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio numa verdadeira apologia da solidão física e mental que é o retrato de Manuel Cordovão, esse lusitano de um amor só para toda a vida.

Como o autor diz, a começar, trata-se de um livro dedicado *“Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.”*

Mas não é da Beira que se fala, nem do pastor, nem das casas, é sobretudo das memórias guardadas na infância de casas onde o autor viveu e construiu, lentamente, uma teia de imagens, sentimentos e de princípios que nortearam a sua vida. Só conhecendo as suas ruínas, as pedras que foram casas, os campos que foram pastos e hoje perderam o cheiro, nos podemos vangloriar de entender a sua escrita mariense que sempre o marcou apesar de ter passado a maior parte da sua vida na micalense Maia. A narrativa utilizando terminologia neutra (i.e. não insular) acaba por poder ser lida como uma ode ao açoriano isolado, de si e do mundo, neste amor perdido que se encontra apenas quando Caronte ronda.

Como diz o autor, *“Embora eu vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa!”*

Aliás esta transposição da naturalidade geográfica do personagem deixa-nos permanentemente na dúvida se a Teresa do *“Pastor”* não será irmã gémea da outra personagem feminina que acompanha os seus passos numa digressão do livro *“Santa Maria: a Ilha-Mãe”*. Em ambas, *“as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém.”*

Trata-se de uma visita não ao *“despovoamento das ilhas”*, mas ao despovoamento do país real, montanhoso, interior e árduo de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário coletivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Aqui não há a memória plural, que vem de Gaspar Frutuoso, mas sim uma ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas nesta digressão pela Beira Alta. As *Casas Mortas* são-nos apresentadas como um resultado inevitável e inelutável ao longo da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão.

Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. De início pensei que seria ocasião única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada.

O resultado é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é que fiquei órfão intelectual desde que acabei de traduzir o livro. As suas personagens e a sua escrita fazem de tal modo parte da minha vida que sinto uma espécie de síndrome de Estocolmo, fiquei cativo e apaixonei-me pelos captivos... E agora, como vai ser?

Já o outro livro intitulado “*Santa Maria Ilha-Mãe*” (também editado pela VerAçor em 2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica e pela magia da infância e das suas cores simples mas bem nítidas.

Fala-se de como os Açores conviveram com o isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, uma ameaça constante a inculcar ainda mais vincadamente as crenças de origem religiosa — numa ilha que felizmente não foi muito assolada por terremotos nem explosões piroclásticas. Essa *mundividência*, leva-nos naquilo que pode ser considerado o mais interessante guia ou roteiro turístico jamais escrito.

O próprio título gerou controvérsia, quer na versão portuguesa quer inglesa (*Santa Maria: Ilha-Mãe; Santa Maria, Island Mother*), ou como o próprio autor notaria: “*Não se trata de “mãe” com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen em Português. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo...*”

Diz-nos Daniel de Sá: “O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Os outros três, também sagrado um deles, eram a capela de Nossa Senhora do Ar, o Externato e o Atlântida Cine. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro” e todos nós – ao lê-lo – sentimos com ele, os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

Estes dois livros pertencem a um mesmo tempo, em que “*falar do passado açoriano é, também, falar do seu presente, e referir-se ao presente é remeter inapelavelmente ao passado, o que mostra a unidade e a solidez de propósitos do livro*”, como diria Assis Brasil, referindo-se ao notável e quase único traço constante de profundo humanismo que informa os textos.

Todas as suas personagens, são de tal forma credíveis que nos sentimos transportados ao local e vivemos partilhando os sentimentos dos interlocutores. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald, “*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.*”¹

E a este respeito escrevia o autor em 2/9/2010:

¹ “*Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author actually get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art.*” Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor. She has received accolades for her playwriting, acting and writing. Her play *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)* won the Governor General’s Award for Drama, the Chalmers Award for Outstanding Play and the Canadian Authors’ Association Award for Drama. She won a Gemini Award for her role in the film *Where the Spirit Lives* and was nominated for a Genie for her role in *I’ve Heard the Mermaids Singing*. Her first novel, *Fall On Your Knees*, was published in 1995 to much critical acclaim in Canada and abroad. Her latest book, *The Way the Crow Flies*, was shortlisted for both the Giller Prize and Governor General’s Award. http://www.banffcentre.ca/programs/93_words/2007/biltc/past_programs.aspx

Emocionei-me mesmo, corisco adotivo dum raio. Eu sabia que facilmente descobririas a casa da Ribeira do Engenho bem como, mais facilmente ainda, as ruínas da casa do pastor de ovelhas, de cabras e de vacas. Aquela casinha da Ribeira do Engenho mantém-se tal e qual era há sessenta anos, quando nos mudámos para a de Santana, a tal que nunca tinha sido chamada casa antes de lá morarmos. Um forte abraço, comovido. Daniel

Para, mais tarde nessa data, acrescentar:

Apesar de tudo, tenho saudades daquelas pedras. Elas não tinham culpa de não terem qualquer nobreza. Nós demos-lhes a possível. De carácter, claro. Obrigado. Obrigado. Um forte par de abraços.

Bastaram as fotos que eu tirara em Santa Maria às “ruínas do Daniel”, como lhes chamei para provocar uma avalanche de recordações que vinham à tona como se tivessem ocorrido na véspera:

2010/10/9, daniel.de.sa

Ana, a Sr.ª Francelina e a Almerinda! Meu Deus, como me lembro bem delas! Pois é, e além daquilo tudo ainda cabia a máquina de costura! O que valia é que as mãos de minha Mãe eram tão pequeninas que quase não ocupavam espaço. Mas olha que eram mãos de fada, lá isso eram. Iam várias senhoras do Aeroporto lá a casa à costura. E havia raparigas que iam aprender.

Aquele retangulozinho dava para tantas coisas e tanta gente! Até se dançava pelas festas principais do ano. E pendurava-se o porco ou deixava-se a carne em alguidares pelo chão, vigiada pela Durana (a cadela que se tornou uma lenda, como tu mesma pudeste constatar naquela conversa com um senhor antes da missa).

Havia senhoras com o corpo assim mais para o menos bem feito que gostavam muito do trabalho de minha Mãe, que lhes ajustava o tecido ao corpo como se elas fossem manequins. Quando meu Pai morreu, tínhamos uns blocos de cimento que tinham sido feitos nos Anjos e estavam postos a secar no murinho do adro da ermida. A minha irmã ia comigo todos os dias regá-los para não racharem. E ninguém os roubou nunca! Eram para fazer uma casita, que a Câmara tinha autorizado usar os terrenos baldios em frente aos nossos pastos, numa parte larga da canada.

Vendemo-los e serviram para pagar a renda desse ano ao “menino” José António Arruda. A dívida corrente de uma mercearia, nas Pedras de Santo Antão, ficou por pagar. Só a pude pagar cinco anos mais tarde. (Lembra-te de que vim só com o 4º ano.) Pedi a um compadre meu que passasse por lá, a perguntar quanto era a dívida, que eu iria em breve na minha primeira visita de saudade e queria pagá-la. Eram 900\$00. O dono da loja, que nunca imaginara poder receber aquele dinheiro, disse ao meu compadre: “Ainda há gente séria neste mundo!” Graças a Deus, não éramos dos piores... Mas que estou para aqui a dizer? Esta conversa não interessa a ninguém, só a mim e às minhas saudades. Culpa do Chrys, que me trouxe para aqui estas coisas memoráveis. Abraços. Daniel

Em 10 outubro de 2010, o autor voltava à carga emocional que as fotos das ruínas da sua velha casa em Santa Maria lhe inspiravam:

Vou falar só mais um pouco a propósito das fotografias do Chrys. Só lhes falta o cheiro. Foi precisamente do cheiro que mais falta senti, quando no verão de 2009 fui a Santa Maria depois de dezanove anos sem lá ter posto os pés. Os nossos pastos, sobretudo à volta da casa, eram amarelos e azuis da macela e do poejo. No resto a paisagem estava cheia de murta, giesta ou juncos.

Arrotearam tudo. Ficou nem pasto nem jardim. Já não cheira. No Aeroporto, dos velhos cheiros, nada. Só um arzinho dele na casa da Ana [Loura]. A capela de Nossa Senhora do Ardeu, e foi substituída por aquela, muito parecida, mas de cimento.

Resistiu a torre, que é de pedra, como pudestes ver. Meu Pai trabalhou na sua construção. Chegou a levar às costas uma pedra de duzentos quilos, que está lá, com certeza.

Foi no alto daquela torre que meu Pai me mostrou (a única vez que o fez) que ficara muito satisfeito com uma classificação minha. Só confessava a sua satisfação às escondidas, a minha Mãe. Creio que o dizia aos amigos. Ele pedira-me para eu ir fazer qualquer trabalho relacionado com as vacas. Eu tinha de estudar, porque ia haver chamadas orais de Francês, mas disse que não fazia mal, havia de me desenrascar. Meu Pai, que chegou a dizer que então iria ele, estava tão cansado que aceitou que eu fosse. No outro dia fui ter com ele ao cimo da torre, e perguntou-me de imediato: “E então?” Eu respondi: “Tive quinze.” Beijou-me, muito contente.

Aquelas silvas, em primeiro plano nas fotos das ruínas da casa, davam umas amoras diferentes de todas as que conheço. Embora gradas, não eram tão doces como as outras, e tinham uma pelica branca, muito ligeira, a cobri-las em parte. Em buracos das pedras daqueles muros as abelhas selvagens construía uns favos em barro (dois ou quatro) onde faziam um mel castanho, muito escuro, depositando um ovo em cada favo. Eu ia muitas vezes, mais um amigo da minha idade, à procura desses favos, a que chamávamos casulos. Abríamo-los com um espeto e chupávamos o mel trazido na ponta do próprio espeto. Esta espécie de abelhas é tão rara que o Dr. Virgílio Vieira, biólogo, que estuda esse tipo de bicharada cá nos Açores, nunca tinha ouvido falar delas.

As matas do Aeroporto perderam o cheiro também. As árvores cresceram muito e são muito menos do que antigamente. O hotel também ardeu, não poderia cheirar como antes. O Clube Asas do Atlântico envelheceu tanto que lhe fizeram uns transplantes, pondo cimento onde havia madeira. Pronto, não se fala mais nisso. Eu teria praticamente uma história para cada foto, já disse. Mas poupo-vos. Abraços. Daniel 10 outubro 2010

Para se entender esta relação umbilical nunca cortada entre o autor e a ilha nada melhor do que um texto do Daniel intitulado: **Santa Maria, uma declaração de amor.**

Este é o autor que primeiro descobri e traduzi, depois dele, viriam Cristóvão de Aguiar e Vasco Pereira da Costa e, aos três, conto-os como amigos especiais. Chegara a esta idade sem ter um autor amigo embora amigos houvesse que tivessem sido autores. Foi com eles que cresci a apreciar e a ler outros autores de matriz açoriana. Levei comigo nessa jornada muita gente, que, igualmente, se apaixonou por essa escrita singular, onde se sente a todo o instante a palavra mar.

CHRYS CHRYPELLO

Presidente da Direção da AICL Colóquios da Lusofonia

Cidadão australiano residente na Lomba da Maia, S. Miguel, Açores